

## MICROSCÓPIO

# GOVERNOS FRACOS...

7.11.57

Raul Pilla

**C**OMPRAZEM-SE os nossos presidencialistas em considerar o parlamentar um govêrno débil, por estar sujeito a votos de desconfiança e não ter nunca segura a sobrevivência. E' especialmente o regime francês, com a extraordinária instabilidade dos seus gabinetes, o que lhes suscita as críticas. Já se explicou milhentas vêzes que, repousando sempre e necessariamente na opinião pública convenientemente representada nas Câmaras, é o parlamentar o mais forte govêrno possível no regime democrático: é forte, embora não seja de fôrça.

Cabal demonstração disto é o que se acaba de verificar com a demissão do marechal Juin, atualmente o maior prestígio militar da França. Tendo-se permitido criticar públicamente a política internacional do govêrno e não tendo comparecido a dar as necessárias explicações, foi o glorioso soldado imediatamente dispensado das suas altas funções.

Será govêrno fraco o que assim procede? Seria capaz de semelhante decisão qualquer dos nossos fortes governos presidencialistas? Em França, uma simples votação derruba o gabinete, mas não o abala a ofuscante glória de um marechal. O govêrno resiste galhardamente ao choque das armas. No Brasil, como em tôdas as Repúblicas presidencialistas da América Latina, o govêrno, embora oriundo de uma manifestação plebiscitária mais ou menos autêntica, embora munido de mandato por prazo fixo, começa depois de algum tempo a ter fundadas dúvidas acêrca do apoio da opinião pública e, por isto, presta atento ouvido ao mínimo estremecimento das Classes Armadas.

E' tal govêrno sempre à espreita e frequentemente em sobressalto que se diz govêrno forte...

Repita-se ainda uma vez: o sistema parlamentar não produz, não pode produzir governos de fôrça, que seriam com êle contraditórios, mas gera governos fortes, porque necessariamente apoiados na opinião pública.